

CIBERLEITURA

Betina Astride

betina.santos@netvisao.pt

Professora do 1º Ciclo

Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Novo

O texto que agora apresento sintetiza, de forma tão breve quanto possível, um estudo que realizei sobre ciberleitura. Hoje em dia o termo *ciber* está associado a uma série de actividades que tem por base o espaço virtual. A leitura é uma delas.

Vamos ver como é que, no 1º Ciclo do Ensino Básico, a ciberleitura é possível.

Fazendo uma abordagem extremamente resumida à história da leitura, começamos por dizer que antes da leitura propriamente dita, surgiu a linguagem falada calculando-se que existe há cerca de 30 mil anos, ainda que de uma forma mais primitiva possa existir há muito mais tempo.

Inicialmente, ler era quase sinónimo de falar. Havia muito poucos textos escritos, pois a grande maioria era conhecida e transmitida oralmente.

Os primeiros registos escritos, que eram quase exclusivamente do foro contabilístico, datam de há cerca de 6000 anos, mas os registos escritos numa linguagem proposicional contam-se de há 3 ou 4 mil anos.

Portanto, desde o seu início até ao Século XV, a leitura era feita em voz alta.

A partir do Século XV deu-se a passagem da leitura em voz alta à leitura silenciosa, situação que revolucionou imenso a postura dos leitores; de uma leitura colectiva passou-se a uma leitura de carácter individual o que motivou interpretações próprias e muito questionadoras das ideias até então difundidas.

No Século XVIII ocorreu uma nova alteração na leitura. A leitura deixou de ser tão aprofundada, quase exclusivamente no tema religioso, e passou a ser mais diversificada nos temas e nos géneros literários.

A partir da segunda metade do Século XX, deu-se a 3ª revolução da leitura caracterizando-se não só pela transmissão electrónica dos textos, mas também pela alteração ao nível da sua produção. Enquanto que anteriormente eram necessários vários actores para se publicar o texto impresso, nomeadamente,

autor, produtor, distribuidor, livreiros, entre outros, hoje em dia uma só pessoa pode acumular todas estas tarefas.

A ciberleitura é possível num ambiente *off-line*, ou seja, num computador sem ligação à Internet, e *on-line*.

No primeiro ambiente são várias as aplicações possíveis. Destacamos as seguintes:

Word – onde a criança pode, por exemplo, escrever para ser lido, ler o que outros escreveram, corrigir erros ortográficos ou ter uma apresentação caligráfica melhorada das suas produções. Tudo situações que podem contribuir para que a leitura seja mais agradável.

PowerPoint – neste programa, o aluno pode dinamizar os textos, ler em voz alta acompanhando as imagens ilustrativas que são exibidas ou ler no próprio documento.

Movie Maker – aqui mantém-se a dinamização dos textos, mas de forma ainda mais diversificada, pois às imagens podem juntar-se leituras gravadas e músicas ou outros sons.

No ambiente *on-line* é possível ler:

Site/ blog da escola – através de títulos, instruções e textos que sejam apresentados, feitos pelo aluno, pelos seus colegas, estudados na aula ou novos textos introduzidos pelo professor.

Noutros *sites/ blogs* – por exemplo, em *sites* de outras escolas, *sites* específicos do tema leitura, de jornais e revistas e noutros que sejam do interesse do aluno.

No *sites* dirigidos à leitura, salientamos os seguintes:

História do dia (<http://www.historiadodia.pt/pt/index.aspx>);

Serviço de apoio à leitura (<http://sal.iplb.pt/index1.php>);

Netescrit@ (<http://www.nonio.uminho.pt/Netescrit@3/>);

Ler consigo (<http://www.app.pt/lc/> e

Centro virtual Camões (<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/aprender.html>).

Enquanto professores e responsáveis pela organização e actualização de um *site* de escola, o que podemos fazer para tornar o nosso *site* motivador no âmbito da leitura?

- Publicar textos de géneros e extensões diversas escritos por alunos, professores, escritores de literatura para a infância e outros autores possíveis.
- Anunciar eventos relacionados com a leitura, nomeadamente, Dia do Livro, Dia do Livro Infantil, Dia das Bibliotecas Escolares, Feiras do Livro e Encontros com escritores.
- Elaborar jogos de interpretações de textos para jogar *on-line* ou após impressão.
- Divulgar livros de publicação recente, ou não, revistas adequadas à idade infantil e programas interessantes na televisão que sejam legendados ou que foquem a leitura.
- Publicar ilustrações criadas pelos alunos ou por ilustradores a partir de um dado texto ou ilustrações de tema livre que incentivem à escrita de textos.
- Sugerir leituras para posteriormente comentar, ler ou ilustrar.
- Dinamizar concursos de leitura e divulgá-los.
- Publicar textos incompletos para poderem ser concluídos por outros alunos da própria escola ou de outras.
- Promover encontros com escritores como motivação ou conclusão de trabalhos.
- Recomendar *sites* interessantes no âmbito da leitura.

Para que tudo o que apresento seja possível e para que a ciberleitura possa realmente ser um factor de motivação para a leitura, sugerimos 5 medidas que consideramos fundamentais:

- Integrar as TIC no currículo de todos os cursos de formação inicial de professores, pois ainda assim não acontece;
- Promover a leitura no e a partir do computador, e esta situação é da responsabilidade do professor;
- Equipar as salas de aula com mais computadores, sugerimos o OLPC, um computador portátil bastante resistente concebido por Nicolas Negroponte; custará cerca de 84 euros e estará disponível para comercialização,

exclusivamente através dos Ministérios da Educação, a partir do final deste ano, princípios de 2007.

- Disponibilizar, por agrupamento de escolas ou por escolas, professores/técnicos em número suficiente, com perfil próprio para fazer o acompanhamento das actividades TIC nas escolas.
- Incentivar a formação ao longo da vida, pois o facto de não termos aprendido determinadas matérias na nossa formação inicial não significa que não aprendamos por interesse próprio ou, tão simplesmente, porque a nossa sociedade assim o exige. Hoje em dia, vivemos numa sociedade que exige aprendizagem e actualização constantes; se assim não for, correremos o risco de nos sentirmos, e de sermos efectivamente, excluídos.

Julho, 2006